



A PRESENÇA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NAS “NOVELAS DAS OITO” DE 1982 A 2008

Daniela STOCCO¹.

Resumo: Como definir a identidade brasileira? Sabendo-se que a identidade é sempre uma *construção*, uma *representação mental* necessariamente arbitrária, já que devem ser escolhidos certos valores, características ou símbolos em detrimento de outros, pode-se dizer que uma das referências escolhidas para representar o país é o Rio de Janeiro. Por razões históricas e simbólicas, o Rio exerce, para muitos, o papel de síntese do Brasil. As novelas em geral procuram ser uma crônica do cotidiano e têm como ponto de partida uma visão da sociedade brasileira, e as novelas das oito da Rede Globo se apresentam privilegiadamente como espaço para pensar e discutir a sociedade. Assim, ao se apropriarem repetidamente do Rio de Janeiro como cenário elas ajudam a identificação da capital carioca com um Brasil que é ao mesmo tempo moderno, urbano e tradicional segundo não só as telenovelas, mas também de acordo com o Pensamento Social Brasileiro. Este artigo procura analisar através da presença do Rio nas novelas das oito da Rede Globo dos últimos 26 anos a força e a influência de tal cidade como referência para a construção de uma identidade brasileira mais ligada ao urbano e ao moderno, ainda que conciliada com a tradição.

Palavras-chave: Identidade brasileira, Rio de Janeiro, telenovela.

Introdução

As telenovelas são um dos maiores fenômenos da televisão brasileira. Alguns fatores explicam a força deste fenômeno. Em primeiro lugar, mesmo que o ápice da audiência das novelas, sobretudo da Rede Globo, de acordo com os índices do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), tenha sido alcançado entre as décadas de 1970 e 1980, e que estes índices venham sofrendo queda desde a década de 1990, as novelas ainda são um dos programas mais assistidos no Brasil ². Nesse aspecto, a “novela das oito” ³ é campeã absoluta de audiência entre as novelas da Globo, maior

¹ Mestre em sociologia da cultura pela UFRJ

² A novela “Paraíso Tropical”, que durante os primeiros meses esteve aquém das expectativas de audiência da Globo, foi acompanhada diariamente por pelo menos 40 milhões de telespectadores. Informação disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u331847.shtml>. Acesso em 24/10/2008.

³ Tradicionalmente, as novelas transmitidas às 20h eram as que faziam parte do “horário nobre”, no qual as famílias em geral estariam assistindo à TV; por isso seriam mais sérias e verossímeis, ainda que



rede de televisão do Brasil, e é o segundo produto mais lucrativo da emissora, perdendo apenas para o “Big Brother Brasil”⁴. Em segundo lugar, há uma preocupação em atingir as expectativas do público, e a opinião dos telespectadores (acessada pela Globo através de pesquisas) e os índices de audiência são levados em conta pela emissora, podendo mudar a trajetória de alguns personagens ou até o curso de toda a trama.

Em terceiro lugar, há outro motivo que faz da novela das oito⁵ um fenômeno: seu caráter de “crônica do cotidiano”, ou seja, de espaço onde estão misturados ficção e jornalismo, dramas e fatos atuais da sociedade e onde alguns dos valores, dos modos de agir, das preocupações, dos dilemas e das contradições de nossa sociedade são apresentados e colocados em pauta para a discussão pública. A telenovela faz uso desses artifícios para que a diferença entre a “vida real” e a ficção por ela apresentada seja cada vez mais fluida, fazendo com que a identificação do telespectador com a história narrada pela novela seja facilitada. As novelas refletem, de certo modo, a maneira de ver o mundo dos brasileiros; elas têm “algo a dizer” sobre o Brasil. Dessa forma, um elemento sempre presente nas novelas e que se mostra “bom para pensar” a sociedade brasileira é a oposição entre *tradição* e *modernidade*. Neste caso, a tradição é representada por valores que enaltecem a família, a hierarquia e a obediência a regras menos liberais, enquanto a modernidade está ligada à idéia de inovação, de novos hábitos de costumes mais liberais e de um estilo de vida que pressupõe o consumo de certos bens de consumo. Na maior parte das telenovelas, há uma clara tendência para a *conciliação* entre tradição e modernidade: escolhas individuais e valores mais liberais conciliados com as expectativas do núcleo afetivo-familiar.

Se as telenovelas são um discurso sobre o Brasil e sua sociedade e cuja verossimilhança é normalmente validada pelos seus telespectadores, a repetida presença do Rio de Janeiro nas novelas das oito da Rede Globo leva a pensar que a capital carioca seria, entre outras coisas, a cidade que melhor representa o Brasil para os brasileiros, pelo menos para seus autores, diretores e produtores. É verdade que as novelas das oito não se passam somente no Rio; há novelas ambientadas em São Paulo e

tendendo sempre para um final feliz e harmonioso, e buscariam atrair um público mais abrangente. Ao longo dos anos 1990 estas novelas passaram a ser exibidas um pouco mais tarde, e hoje estão no ar a partir das 21h. Mesmo assim, pelo hábito, a novela desse horário ainda hoje é chamada de “novela das oito”

⁴ Informação obtida no site: <http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2009/01/26/ult2548u670.jhtm>; acesso em 01/03/2009.

⁵ A partir de agora, passo a não usar o termo entre aspas.



até algumas no interior do país. No entanto, quem assiste às telenovelas percebe que o Rio de Janeiro é cenário de muitas delas. Assim, o objetivo deste artigo é mostrar que, por um lado, o Rio de Janeiro é de fato a cidade que mais aparece nas novelas no período de 1982 até 2008; e, por outro lado, mostrar que o Rio de Janeiro apresentado nas telenovelas é o local privilegiado para o merchandising social e sobretudo para a conciliação da tradição e da modernidade, por possibilitar a convivência de pessoas de diferentes classes sociais e diferentes origens e por ser conhecido no senso comum como lugar de vanguarda, onde novos comportamentos, hábitos de consumo e moda têm origem no Brasil. Dessa forma, a identificação do Rio de Janeiro como síntese de um Brasil moderno e urbano é facilitada.

1. *A hegemonia carioca*

Na tabela 1 podemos verificar a predominância do Rio de Janeiro como cenário das novelas das oito do período estudado:

Tabela 1 – Novelas das oito transmitidas pela Globo entre 1983 e 2008 ⁶.

Novela	Ano	Autor	Cidade
1 Sol de Verão	1982-83	Manoel Carlos	Rio de Janeiro
2 Louco Amor	1983	Gilberto Braga	Rio de Janeiro
3 Champagne	1983-84	Cassiano Gabus Mendes	Rio de Janeiro
4 Partido Alto	1984	Glória Perez e Agnaldo Silva	Rio de Janeiro
5 Corpo a Corpo	1984-85	Gilberto Braga	Rio de Janeiro
6 Roque Santeiro	1985-86	Dias Gomes e Agnaldo Silva	Asa Branca (cidade fictícia no interior do nordeste)
7 Selva de Pedra	1986	Regina Braga e Eloy Araújo	Rio de Janeiro
8 Roda de Fogo	1986-87	Lauro César Muniz	Rio de Janeiro
9 O Outro	1987	Agnaldo Silva	Rio de Janeiro
10 Mandala	1987-88	Dias Gomes, Marcílio Moraes e Lauro César Muniz	Rio de Janeiro
11 Vale Tudo	1988-89	Gilberto Braga, Agnaldo Silva e Leonor Brassères	Rio de Janeiro
12 O Salvador da Pátria	1989	Lauro César Muniz	Ouro Verde e Tangará (cidades fictícias)
13 Tieta	1989-90	Agnaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn	Santana do Agreste (cidade fictícia no interior da Bahia)

⁶ Fonte: www.memoriaglobo.com.br



14	Rainha da Sucata	1990	Silvio de Abreu	São Paulo
15	Meu Bem Meu Mal	1990-91	Cassiano Gabus Mendes	São Paulo
16	O Dono do Mundo	1991-92	Gilberto Braga	Rio de Janeiro
17	Pedra sobre Pedra	1992	Agnaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn	Resplendor (cidade fictícia na chapada diamantina, BA)
18	De Corpo e Alma	1992-93	Glória Perez	Rio de Janeiro
19	Renascer	1993	Benedito Ruy Barbosa	Ilhéus (roças de cacau), BA
20	Fera Ferida	1993-94	Agnaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn	Tubiacanga (cidade fictícia)
21	Pátria Minha	1994-95	Gilberto Braga	Rio de Janeiro
22	A Próxima Vítima	1995	Silvio de Abreu	São Paulo
23	Explode Coração	1995-96	Glória Perez	Rio de Janeiro
24	O Fim do Mundo	1996	Dias Gomes	Tabacópolis (interior da Bahia)
25	O Rei do Gado	1996-97	Benedito Ruy Barbosa	Região de Ribeirão Preto, SP e do rio Araguaia, GO
26	A Indomada	1997	Agnaldo Silva e Ricardo Linhares	Greenville (cidade fictícia no litoral do nordeste)
27	Por Amor	1997-98	Manoel Carlos	Rio de Janeiro
28	Torre de Babel	1998-99	Silvio de Abreu	São Paulo
29	Suave Veneno	1999	Agnaldo Silva	Rio de Janeiro
30	Terra Nostra	1999-2000	Benedito Ruy Barbosa	São Paulo (capital e fazendas de café no interior)
31	Laços de Família	2000-01	Manoel Carlos	Rio de Janeiro
32	Porto dos Milagres	2001	Agnaldo Silva e Ricardo Linhares	Porto dos Milagres (cidade fictícia no recôncavo baiano)
33	O Clone	2001-02	Glória Perez	Rio de Janeiro e Marrocos
34	Esperança	2002-03	Benedito Ruy Barbosa e Walcyr Carrasco	São Paulo
35	Mulheres Apaixonadas	2003	Manoel Carlos	Rio de Janeiro
36	Celebridade	2003-04	Gilberto Braga	Rio de Janeiro
37	Senhora do Destino	2004-05	Agnaldo Silva	Rio de Janeiro
38	América	2005	Glória Perez	Rio de Janeiro, EUA e Boiadeiros (cidade fictícia interiorana)
39	Belíssima	2005-06	Silvio de Abreu	São Paulo
40	Páginas da Vida	2006-07	Manoel Carlos	Rio de Janeiro
41	Paraíso Tropical	2007	Gilberto Braga	Rio de Janeiro
42	Duas Caras	2007-08	Agnaldo Silva	Rio de Janeiro
43	A Favorita	2008-09	João Emanuel Carneiro	São Paulo (capital) e Triunfo (vila industrial fictícia próxima a capital)



De acordo com a tabela acima, das 43 novelas listadas, 25 foram ambientadas no Rio, ou seja, 58,14% das novelas – mais da metade. Dessas, duas não se passavam exclusivamente no Rio: *O Clone*, na qual boa parte da trama se passava no Marrocos, e *América*, na qual a estória se dividia entre Rio, Miami e Boiadeiros. Ambas são da mesma autora, Glória Perez. De todo modo, percebe-se que o Rio é onde se passa a maioria das estórias contadas pelas novelas. Em segundo lugar, estão as novelas em cidades fictícias, sendo que todas elas são cidades pequenas do interior, com a exceção de *Greenville*, da novela *A Indomada*, e de *Porto dos Milagres*, da novela homônima, que estariam localizadas no litoral nordestino e também são dos mesmos autores, Agnaldo Silva e Ricardo Linhares. Ainda assim, são cidades pequenas, muito mais próximas das cidades fictícias do interior retratadas nas novelas que dos grandes centros como Rio e São Paulo. Das 43 novelas, 10 apresentam cidades fictícias, mesmo que dividindo espaço com Rio (*América*) ou com São Paulo (*A Favorita*), isto é, 23,25% ou menos de um quarto das novelas do período escolhido. Em seguida, estão as novelas que se passam na capital paulista: oito novelas, somando 18,60% e, finalmente, novelas em cidades ou regiões que de fato existem, no interior do país, com apenas três ocorrências: Ilhéus, em *Renascer*, fazendas das regiões de Ribeirão Preto e do rio Araguaia, em *O Rei do Gado* e fazenda no interior de São Paulo em *Terra Nostra*, todas do mesmo autor: Benedito Ruy Barbosa. Estas novelas representam 6,97% do total do período. Para diferenciar as novelas nos grandes centros – Rio e São Paulo – das novelas nas cidades pequenas, com dinâmica interiorana (ainda que duas delas se passem no litoral), como pode ser observado pela Tabela 2:

Tabela 2 – Novelas ambientadas no Rio, em São Paulo e no interior⁷.

Cidade	Número de novelas	Percentual
Rio de Janeiro	25	58,14
Interior	12	27,9
São Paulo	8	18,6
Total	43	100

⁷ Nesta lista, Triunfo, cidade fictícia de “A Favorita” não configura como cidade do interior por ser uma cidade industrial que tem trocas e contatos intensos com São Paulo. Ela está mais para uma cidade da metrópole paulista que para uma cidade pequena do interior, sobretudo as retratadas pelas novelas.



Pode-se dizer então que, em primeiro lugar, estão as novelas do Rio de Janeiro, em segundo lugar, as que retratam o interior do Brasil e em terceiro lugar, as que se passam em São Paulo. De fato, se as cidades de São Paulo e Rio são somadas para comparar as novelas urbanas com as novelas sobre o interior do país, vê-se que 76,74% das novelas entre 1982 e 2008 privilegiam as duas maiores cidades do país, com tramas urbanas, enquanto somente 27,90% falam sobre o Brasil rural. Na verdade, esta diferença indica que as novelas falam de um país majoritariamente urbano, mas não explica inteiramente a ambientação das novelas. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – no ano 2000, a população urbana do país era de aproximadamente 138 milhões de pessoas, enquanto a rural era de cerca de 32 milhões de pessoas⁸; em outras palavras, no Brasil, 81,25% da população vivem em áreas urbanas, enquanto 18,75% vivem em áreas rurais. Curiosamente, se a análise se faz separando Rio e São Paulo, nota-se que a cidade de São Paulo é menos contemplada que as do interior do país. Isso mostra que, ao contrário do que se poderia imaginar, mesmo que a maioria das novelas tenha temática urbana, as novelas no Rio e em São Paulo não se intercalam; o Rio aparece muito mais que São Paulo. Além do mais, duas novelas de São Paulo não são contemporâneas, mas sim “de época”, isto é, não são contemporâneas em relação aos telespectadores, pois se passam no passado. *Terra Nostra* e *Esperança* retratam São Paulo do fim do século XIX e início do século XX, respectivamente. Podem ser classificadas como urbanas – ainda que na primeira haja ação no campo – mas não falam do presente. Assim, conclui-se de saída que *o Rio é a cidade que mais representa o Brasil urbano e contemporâneo nas novelas das oito dos últimos 26 anos*. São Paulo é, na verdade a que menos aparece. Aliás, a primeira novela paulistana do período escolhido de 26 anos é *Rainha da Sucata*, de 1990. Nos primeiros oito anos analisados (1982-89), não houve nenhuma novela ambientada em São Paulo, enquanto o Rio apareceu em 10 novelas das 13 do período as outras três se passaram em cidades fictícias do interior. Com efeito, pode-se afirmar que durante toda a década de 1980 nenhuma novela teve São Paulo como pano de fundo de suas tramas. Entre 1980 e 1982, antes da estréia de “Sol de Verão”, foram exibidas quatro novelas: *Água Viva*, de Gilberto Braga e Manoel Carlos; *Coração Alado*, de Janete Clair; *Brilhante*, de Gilberto

⁸ Dados obtidos no site do IBGE 05/01/2009:
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=23&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1>



Braga e *Sétimo Sentido*, de Janete Clair. Todas se passavam no Rio de Janeiro. Então, na década de 1980, foram transmitidas 14 novelas “cariocas”.

A hegemonia do Rio é gritante na década de 1980, mas ela cai na década de 1990, quando São Paulo começa a aparecer e mais novelas passam a ter lugar em cidades pequenas, interioranas, rurais. Das 17 novelas que estrearam entre 1990 e 1999, seis se passam no Rio, cinco em São Paulo e sete em regiões ou cidades no interior (a novela *Terra Nostra* se passou não só na capital, mas também em fazendas no interior do estado de São Paulo, contando duas vezes aqui). Nenhuma explicação para essa mudança foi encontrada. Em entrevista concedida por email por Ricardo Linhares, co-autor de *Paraíso Tropical*, a decisão de onde ambientar a trama das novelas se dá pela preferência dos autores. Assim, na década de 1990, pode-se dizer que a preferência pendeu para as novelas passadas no interior. Esta foi a década na qual os autores e diretores das novelas exploram mais o interior do Brasil. Porém, também não é qualquer região do interior do Brasil: das sete novelas “interioranas”, quatro estavam localizadas no nordeste, sendo que três na Bahia. Das outras três, duas exploravam as paisagens de fazendas no interior de São Paulo, sendo que uma delas também em Goiás e uma novela (*Fera Ferida*) não indicava onde a cidade (fictícia) estava localizada.

Nas décadas de 1980 e de 2000, as novelas sobre o interior do país foram menos numerosas, já que foram transmitidas apenas três na primeira e duas na última, mas reforçam as regiões escolhidas na década de 1990: nas três novelas de 1982 a 1989, duas se passavam na Bahia e uma não tem localização exata; nas duas da última década, uma é ambientada na Bahia e a outra no interior (Boiadeiros, de *América*), mas sem localização exata. O interior do Brasil é representado basicamente pelo interior do nordeste, mais marcadamente a Bahia, e, mas recentemente, pelo interior de São Paulo, com influência da imigração italiana, presente nas duas novelas que retrataram o interior paulista.

Quanto ao Rio de Janeiro na década atual, a cidade está retomando sua hegemonia, praticamente tão forte quanto antes: das 13 novelas transmitidas de 2000 até 2008, o Rio está presente em nove delas, mesmo que não exclusivamente em duas. *Percebe-se que a diversificação da década anterior não permanece, e o Rio volta a dominar nos anos 2000.* Como já foi dito acima, as novelas em cidades do interior caíram muito em quantidade – de sete na década anterior para apenas duas agora, sendo



que uma não só no interior, mas dividindo espaço com Rio e Miami na mesma trama – e a cidade de São Paulo também caiu em relação à década passada: de cinco para três. É verdade que ainda faltam dois anos para terminar esta década e poder-se-ia dizer que ainda há chances de aumentar ao menos a proporção de São Paulo, já que não há como recuperar a proporção das novelas interioranas em comparação com os anos 1990; porém, a novela das oito, *Caminho das Índias*, de Glória Perez, que vem na seqüência de “A Favorita” é ambientada na Índia e no Rio, e a novela, ainda sem nome, que substituirá “Caminho das Índias” em setembro de 2009 será de autoria de Manoel Carlos, que sempre escreve tramas ambientadas em Ipanema ou no Leblon. Com estas duas novelas, diminuem as chances de aumentar significativamente o número de novelas paulistanas. Então, observando a Tabela 1 de 43 novelas exibidas entre 1982 e 2008, pode-se afirmar que o Rio é definitivamente a cidade mais retratada através das novelas das oito da Rede Globo. Mesmo que durante a década de 1990 ela tenha perdido espaço para São Paulo e para cidades pequenas, na sua maioria cidades fictícias, ela foi indiscutivelmente predominante nos anos 1980 e 2000 e, por consequência, no período como um todo.

O Rio que a gente “vê por aqui”

Ao verificar o enredo das novelas das oito do período escolhido⁹, é possível notar alguns pontos, assuntos e discussões em comum entre várias novelas. Nas novelas ambientadas no Rio transmitidas entre 1982 e 1985 – de *Sol de Verão* a *Corpo a Corpo* – fala-se basicamente da *liberalização dos costumes*, da *positividade de valores mais modernos* (por mais que o tradicional resista) ao discutir sobre o vazio da vida doméstica e a busca por realização profissional pelas mulheres, ao criticar o machismo e ao valorizar as relações amorosas mais igualitárias, mesmo que o par romântico seja formado por pessoas de classes sociais diferentes – ou de cores diferentes, no caso de *Corpo a Corpo* – o que sempre causa, no início das novelas, conflitos familiares.

Em seguida, foram transmitidas duas novelas cujos roteiros foram elaborados ainda na década de 1970: *Roque Santeiro*, que teve seus primeiros capítulos escritos em 1975, mas foi vetada pela censura do governo militar e só pôde ser retomada em 1985, e

⁹ Todos disponíveis no site: www.memoriaglobo.com.br



Selva de Pedra, escrita e transmitida em sua primeira versão em 1972. Mesmo sendo escrita uma década antes do período escolhido neste trabalho, *Selva de Pedra* é ambientada no Rio e discute os mesmos temas das novelas produzidas entre 1982 e 1985 (liberalização de costumes, modernização dos hábitos e dos valores, ainda que sem perder a autenticidade e os laços familiares). Já *Roque Santeiro*, além de não se passar no Rio, é a única a passar a mensagem de que o Brasil está irremediavelmente fadado ao atraso e ao tradicionalismo. A partir de 1986, as novelas no Rio continuam explorando os conflitos familiares, a liberalização dos costumes; porém, começam a apresentar questões éticas e morais com mais força, utilizando para isso situações limítrofes, como nas três novelas entre 1986 e 1988: *Roda de Fogo*, *O Outro* e *Mandala*. No entanto, em 1988, há uma mudança drástica no tom das novelas sobre a modernidade e surge um novo elemento ou ferramenta, capaz de aumentar ainda mais a identificação entre a novela e seu público: o *merchandising social*.

O Merchandising social nas novelas das oito

Em 1988 temos uma das novelas mais marcantes do período estudado: *Vale Tudo*, de Gilberto Braga e Agnaldo Silva. Isto porque, em primeiro lugar, ela propõe de saída a pergunta: “vale a pena ser honesto no Brasil?” Sua trama principal girava em torno do desejo de ascender socialmente, de ter sucesso, dinheiro e poder, mostrando os meios honestos e escusos de vários personagens para consegui-lo. De fato, é uma novela com tom mais pessimista em relação às exibidas anteriormente, como aponta Esther Hamburger (2005), pois a modernidade trouxe a ganância e a falta de escrúpulos, criando uma elite desonesta, cínica e que não teme tirar proveito de pessoas ou situações, já que não se importa com as conseqüências. Além de tudo, não há punição aos culpados – ao final só a grande vilã é assassinada, mas ainda assim, por engano; ninguém vai preso: Marco Aurélio foge para o exterior com Leila, a assassina de Odete – na fuga, quando seu jatinho decola, ele ainda faz um gesto: dá uma banana para o Brasil – e Fátima casa-se com um príncipe italiano.

Em segundo lugar, *Vale Tudo* é a primeira novela apresentada pela Rede Globo com *merchandising social*; em outras palavras, segundo a Rede Globo¹⁰, essa é a

¹⁰ Ver www.memoriaglobo.com.br



primeira novela das oito que aborda em sua narrativa alguns assuntos que são de utilidade pública, que têm potencial para mobilizar a audiência e que podem auxiliar e esclarecer aqueles que passam pelos problemas enfrentados por alguns personagens.

No caso do merchandising social da novela *Vale Tudo*, além de colocar em pauta a questão da honestidade contra a corrupção, havia uma personagem alcoólatra – Heleninha, filha de Odete Roitman – que sofria com o vício e expunha sua família a situações constrangedoras, mas ao final, integra-se aos Alcoólicos Anônimos, indicando um processo de recuperação. Portanto, é a partir desse momento que a própria emissora toma para si manifestamente o papel de *instruir sua audiência*, de alertar para certos temas, ou seja, ela atribui a si mesma uma *responsabilidade social* para com seu público. A partir de então, todas as novelas cariocas, com a exceção de apenas duas na década de 1990 e de uma na década de 2000 – e ao menos uma paulistana contemporânea – têm um perfil mais educador, com o intuito de abrir discussões entre os telespectadores. Entre as novelas da década de 1990 e as dos anos 2000 que se passam no Rio de Janeiro, não há diferenças marcantes, exceto a volta da hegemonia carioca, perdida entre 1990 e 1999. A seguir temos a Tabela 3 com as novelas ambientadas no Rio de 2000 a 2008 e os assuntos que elas optaram para trabalhar na novela enquanto merchandising social:

Tabela 3: Temas de merchandising social das novelas “cariocas” entre 1988 e 2008

Novelas cariocas de 1988 a 2008 no Rio	Temas - Merchandising Social	Ano
Vale Tudo	Ética, honestidade e alcoolismo	1988-89
O Dono do Mundo	<i>Sem tema</i>	1991-92
De Corpo e Alma	Doação de órgãos, troca de bebês na maternidade, ônibus pirata e movimento gótico, morosidade da justiça e inadequação do código penal	1992-93
Pátria Minha	Campanha Ação da cidadania contra a miséria e pela vida	1994-95
Explode Coração	Exploração do trabalho infantil e desaparecimento de crianças	1995-96
Por Amor	Preconceito racial e alcoolismo	1997-98
Suave Veneno	<i>Sem tema</i>	1999
Laços de Família	Doação de órgãos/ medula óssea, impotência sexual, superação de limitações motoras, incentivo a leitura	2000-01



O Clone	Clonagem, dependência química	2001-02
Mulheres Apaixonadas	Tratamento dispensado aos idosos, violência doméstica, câncer de mama, campanha Brasil sem Armas, lesbianismo, dependência afetiva exagerada	2003
Celebridade	Alcoolismo	2003-04
Senhora do Destino	Violência contra a mulher, uso de drogas, gravidez na adolescência, gravidez independente, mal de Alzheimer, dificuldade dos aposentados	2004-05
América	Vida e adaptação de cegos, pedofilia, cleptomania	2005
Páginas da Vida	Síndrome de Down, bulimia, alcoolismo	2006-07
Paraíso Tropical ¹¹	<i>Sem tema</i>	2007
Duas Caras	Dengue, dislexia, alcoolismo, racismo	2007-08

A liberalização de costumes e a modernização dos valores permanecem: todas as novelas problematizam temas como a aceitação de homossexuais, de casais inter-raciais, de casais com grande diferença de idade; apresentam conflitos geracionais, ainda que sem perder de vista a força da família e do grupo afetivo. Contudo, esses conflitos dividem espaço com temas como ética, corrupção, doação de órgãos, câncer, alcoolismo, drogas, clonagem, movimentos políticos, internet, pedofilia, campanhas sociais entre outros. Por mais que as histórias de amor, o melodrama, estejam presentes, colocam-se propositalmente outros assuntos em pauta nas novelas e, conseqüentemente, na sociedade. Ainda assim, por mais que se possa perceber a decepção com a situação política, social e até moral do país, ainda se crê, de acordo com as mensagens das novelas, que a liberalização dos costumes e valores continua sendo o melhor caminho a ser trilhado pela sociedade, vide o esforço que ainda se tem em incentivar os telespectadores a serem melhores cidadãos, menos preconceituosos e mais liberais – ainda que permaneçam muito ligados ao grupo afetivo, familiar.

As novelas entre 1988-89 e 2008 têm definitivamente como característica o emprego do merchandising social. Contudo, é curioso perceber que nas outras novelas,

¹¹ De acordo com declarações de Ricardo Linhares para o site do jornal “O Globo” no dia da estréia de “Paraíso Tropical” – 05/03/2007 – a intenção dos autores era discutir sobre prostituição, mas, muito provavelmente devido a pressões dos índices de audiência, a idéia foi deixada de lado. De fato, não houve em “Paraíso Tropical” um tema ostensivo de merchandising social, apenas muito pontualmente, como adoção de crianças mais velhas ou o uso de camisinhas por jovens. Assim, “Paraíso Tropical” será considerada como a única novela carioca dos anos 2000 sem merchandising social.



ou seja, nas novelas das oito que não se passam no Rio, esta característica não aparece tanto. As novelas paulistanas também utilizam o merchandising social, mas não com a mesma frequência que as novelas cariocas: das seis novelas paulistanas contemporâneas transmitidas entre 1990 e 2008, apenas em *Belíssima* o site Memória Globo aponta o emprego o merchandising social nas narrativas. *A Favorita*, que transmitiu seu último capítulo dia 17 de janeiro de 2009, ainda é recente e não consta como parte da memória da emissora. Inclusive, seu autor, em entrevista à revista *Veja*, critica o uso do merchandising social, e afirma: “As novelas viraram uma cartilha de exemplos edificantes. É uma pena que se siga esse caminho em detrimento de se contar uma boa história.”¹²

Entretanto, é curioso perceber que em sua novela há temas de merchandising social tratados até em outras novelas, como a violência contra a mulher e gravidez na adolescência; porém, mesmo contando com esta novela, seriam apenas duas novelas paulistanas contemporâneas com merchandising social. Das nove novelas que têm sua trama ou parte dela no interior entre 1990 e 2008, somente quatro colocaram o merchandising social dentro de suas narrativas. Portanto, enquanto nas novelas paulistanas e interioranas metade está engajada com o merchandising social, as do Rio demonstram ter um perfil mais educativo, mais instrutivo. *São novelas que não só tocam na vida cotidiana, mas também mostram ou sugerem como certos problemas, situações difíceis e conflitos devem ou podem ser resolvidos* (conclusão e grifo meus).

As novelas cariocas, com isso, passam a exercer um poder de modelo e, consecutivamente, de influência maior. Além de ser a cidade que mais aparece nas novelas, o Rio é o palco preferencial das ações de merchandising social. E para fazer da novela uma crônica do cotidiano, é necessário, segundo Esther Hamburger (2005), entre outras coisas, abordar temas e situações que se dão na vida cotidiana, na sociedade, aproximando a vida observada pelo telespectador da que se passa na novela. Em novelas no interior ou nos centros urbanos com grande dose de realismo fantástico, como algumas de Agnaldo Silva, a verossimilhança e a identificação que o público faz entre a trama e ele mesmo se dá mais pelo melodrama, explorando as situações e os sentimentos tidos como universais que pelos acontecimentos contemporâneos ou por problemas enfrentados por toda a sociedade ou uma parte dela. Assim, o Rio é a cidade

¹²Revista *Veja*, 14 de janeiro de 2009, p. 97.



onde as novelas mais utilizam o merchandising social e que, por isso mesmo, aproximam-se cada vez mais de um formato de crônica do cotidiano, reelaborando suas situações, problemas e até prazeres e alegrias – pois não é só de tristezas que se vive nem que se faz uma novela.

2.2 O Rio suburbano

Há ainda outro fator interessante e recorrente quando se fala em novelas no Rio de Janeiro: a utilização e a imagem que se faz dos seus bairros do subúrbio. O subúrbio é um bairro localizado longe do centro, e por isso um lugar onde o custo de vida é mais barato, uma região ou bairro mais popular. Ele também tem a conotação de lugar mais residencial, onde todos se conhecem, calmo e tranquilo, ao contrário dos centros das cidades, e pode gerar uma visão romântica parecida com a atribuída às cidades do interior, e também algumas das mesmas perversidades: menor acesso a educação, a bens culturais, a certos serviços e recursos e falta de oportunidades de ascensão social. Nas novelas das oito, os subúrbios são retratados como bairros residenciais com um pequeno comércio, como padaria, boteco, pastelaria, lojas de pequeno porte e muitas casas simples, sem luxos, e sem prédios nem edifícios. Também é no subúrbio que as relações tradicionais e são mais presentes e poderosas, isto é, as relações de parentesco e hierárquicas, e ainda há maior convivência, troca e auxílio mútuo entre os vizinhos, como foi visto na análise feita por Monica Coutinho em *Barriga de Aluguel*. É importante destacar que o subúrbio não é só representado geograficamente, mas também por seus moradores: inclusive, são suburbanos os personagens mais engraçados e caricatos das tramas. Personagens cômicos como Salgadinho, de *Explode Coração*, Dona Jura com o bordão “né brinquedo não!” e Odete com “cada mergulho é um flash!” de *O Clone*, “Jaqueline Joy” e “Darlene”, de “Celebridade”, entre outros, tinham no seu perfil de suburbanos um dos materiais para trabalhar o humor. Este humor estaria ligado à alegria, ao otimismo e a simplicidade com que vive a maioria dos personagens suburbanos. Com efeito, muitas vezes não há bairros suburbanos nas novelas, mas só personagens suburbanos que aparecem representando-os. Eles podem morar em Copacabana, como no caso de Denizard, de *O Outro*, mas ainda assim serem os autênticos suburbanos: simples, tradicionais, alegres, às vezes cafonas e atrapalhados e



com um português muito ruim – como Tony Carrado, de *Mandala*, ou Giovanni Improtta, de *Senhora do Destino*, mas de qualquer modo, engraçados, às vezes até com “pinta de malandro”, mas de bom coração.

Enfim, se por um lado em várias novelas os personagens suburbanos são explorados nas novelas das oito, não se pode dizer o mesmo dos bairros suburbanos cariocas. Das 25 novelas do período de 1982-2008 que se passam no Rio, apenas seis, ou seja, apenas 24% das novelas das oito cariocas apresentam um bairro popular afastado da zona sul. Na Tabela 4 estão relacionados os bairros do subúrbio do Rio que aparecem nas respectivas novelas. Além dessas seis novelas que mostram o subúrbio carioca, duas mais recentes e do mesmo autor – Agnaldo Silva – foram pioneiras por retratarem duas regiões populares nunca antes exploradas por novelas das oito da Rede Globo: em *Senhora do Destino*, boa parte da estória se passa em Vila São Miguel, cidade fictícia da Baixada Fluminense onde também havia uma favela, chamada Pedra Lascada; em *Duas Caras* se mostra o nascimento e desenvolvimento da favela Portelinha (fictícia), que está no centro das atenções da novela. Estas duas novelas, somadas às outras seis novelas suburbanas, não são muito representativas no total de novelas cariocas, pois apenas oito de 25, ou seja, 32% das novelas ambientadas no Rio retratam regiões pobres e bairros populares.

Tabela 4 – Novelas com bairros suburbanos.

Novela	Subúrbio	Ano	Autor
Partido Alto	Encantado	1984	Glória Perez e Agnaldo Silva
O Dono do Mundo	Madureira	1991-92	Gilberto Braga
De Corpo e Alma	Méier	1992-93	Glória Perez
Explode Coração	Maria da Graça	1995-96	Glória Perez
O Clone	São Cristóvão	2001-02	Glória Perez
Celebridade	Andaraí	2003-04	Gilberto Braga

Está claro então que a presença de bairros do subúrbio carioca não é tão grande quanto ela pode parecer. No entanto, não se pode dizer o mesmo dos personagens suburbanos, ou então de personagens mais pobres, humildes. Normalmente as novelas apresentam o que hoje a própria Globo e a imprensa especializada chamam de “núcleo pobre” e “núcleo rico” das novelas. É da convivência de personagens dos dois “núcleos”



que nascem algumas das tramas exploradas pelas novelas, como o clássico par romântico formado pelo moço rico e a moça pobre ou vice-versa. Contudo, se em apenas oito das 25 novelas há bairros populares e até comunidades, por exclusão, em 17 delas os personagens pobres circulam, agem e até moram nos bairros da zona sul. Isso mostra que o Rio de Janeiro apresenta de fato uma mistura: se é na minoria das novelas que as regiões mais populares aparecem, quer dizer que mesmo a zona sul, região mais rica da cidade, tem espaço para a alegria e a simplicidade dos populares. O Rio, e até mesmo a zona sul, podem oferecer o melhor dos dois mundos, sempre valorizados nas novelas: o luxo, o requinte, a sofisticação dos abastados e a informalidade, simplicidade, expansividade, a alegria dos menos abastados. Em *Paraíso Tropical*, há uma cena interessantíssima neste sentido: quando Antenor vai ao restaurante de seu hotel para experimentar a comida de Wagner Alencar – chef pretensioso, que elabora pratos tão complexos quanto insossos. Antenor dá uma lição em Wagner, mostrando que lhe faltava humildade e simplicidade, e que ele por sua vez, era um grande apreciador da alta cozinha, mas que tinha como prato preferido ensopadinho com chuchu. Na Verdade, a elegância e o refinamento, unidos com a simplicidade, vão ao encontro da conciliação do moderno com o tradicional.

De fato, a imagem que se passa do Rio de Janeiro é a da zona sul: nas novelas, tradicionalmente, os personagens ricos, ou mesmo os de “classe média”, moram na zona sul. Mesmo quando apresentam bairros suburbanos, alguns bairros da zona sul estão presentes; além disso, quando não há bairro do subúrbio, basicamente só aparecem alguns bairros da zona sul: preferencialmente Leblon, Ipanema e Copacabana. A zona sul sem sombra de dúvida predomina como cenário das novelas cariocas. Sabe-se que, por exemplo, Manoel Carlos só escreve novelas que se passam entre Leblon e Ipanema. No período analisado, ele escreveu cinco. Gilberto Braga, autor da novela *Paraíso Tropical*, é conhecido por dar preferência à zona sul: em *Corpo a Corpo*, grande parte da trama se passa em Santa Teresa; em *Vale Tudo*, quando Raquel se muda de Foz do Iguaçu para o Rio, vai morar no Catete; mas mesmo estes casos são exceções, pois ele afirma em entrevista para Denise Ferreira da Silva (1991) e em depoimento ao site Memória Globo ¹³ que gosta de mostrar a mistura, o caldeirão que é Copacabana. Gilberto Braga escreveu sete novelas no período, mas só duas apresentavam bairros

¹³ Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYE0-5268-232336,00.html>



suburbanos, sem deixar de lado o luxo e a riqueza da zona sul. De qualquer maneira, nas novelas sempre há o “núcleo rico” e, no caso das novelas das oito no Rio de Janeiro, o que se vê repetidamente são os bairros mais conhecidos da zona sul: Copacabana, Ipanema e Leblon. Também são exibidas incessantemente ao longo dos capítulos das novelas as paisagens da zona sul que simbolizam o Rio de Janeiro: Pão de Açúcar, Baía de Guanabara, Corcovado, as praias etc.

Assim, se o escopo das novelas das oito é o Brasil, a cidade do Rio de Janeiro é não só a mais escolhida entre os autores das telenovelas para representar este país, mas também traz à tona uma visão de sociedade brasileira urbana e contemporânea que ainda não abriu mão de unir o desenvolvimento, a riqueza, o luxo, o desenvolvimento com a simplicidade, a alegria e a informalidade; tudo isso em meio a paisagens paradisíacas e um clima tropical. O Rio, suas paisagens e alguns de seus personagens estereotípicos são repetidos nas novelas, e sua identificação é mais fácil pela audiência, sobretudo a urbana.

Abstract: How can one define the Brazilian identity? As identity is always a *construction*, a necessarily arbitrary *mental representation*, since some values, characteristics and symbols must be chosen over others, it is remarkable that one of the references chosen to represent Brazil is the city of Rio de Janeiro. For symbolical and Historical reasons, Rio is the synthesis of Brazil. The soap operas in general present themselves as a day-by-day chronicle and their starting point is a certain vision of Brazilian society, and the eight o'clock soap opera from Rede Globo is a privileged place to think and discuss the society. Thus, the repeated appropriation of Rio by the soap operas help associating the city with a certain Brazil, which is modern, urban and traditional at the same time, not only accordingly to the soap operas but also to the Brazilian Social Thought. This article analyses the influence of Rio as a reference to build a Brazilian identity connected with modernity, urbanity and tradition through its presence in Rede Globo's eight o'clock soap operas from the past 26 years.

Keywords: Brazilian identity; Soap operas, Rio de Janeiro

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- ALMEIDA. Heloísa Buarque de. Telenovela, consumo e gênero. São Paulo, 2003.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Vozes, Petrópolis, 1973.



HAMBURGER, Esther. "O Brasil Antenado – a sociedade da novela." Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005;

LEAL, Ondina Fachel. "A Leitura Social da Novela das oito". Editora Vozes, 1986;

VILLAS BÔAS, Gláucia. "Mudança Provocada – passado e futuro no pensamento social brasileiro". FGV, Rio de Janeiro, 2006;

Artigo de Revista:

"A doce vingança do nerd." Revista Veja, 14 de janeiro de 2009, p. 97

Dissertações e Teses

ALMEIDA, Verônica Eloi de. "Os "reality shows" e o respeitável público da vida privada." Rio de Janeiro: dissertação de mestrado UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003;

COUTINHO, Mônica. "Telenovela e texto cultural: análise antropológica de um gênero em construção." Rio de Janeiro: dissertação de mestrado UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 1993;

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes. "Novela e Sociedade no Brasil." Rio de Janeiro: dissertação de mestrado UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 1991;

PRADO, Rosane Manhães. "Mulher de novela e mulher de verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela". Rio de Janeiro: dissertação de mestrado UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 1987;

SILVA, Denise Ferreira da. "O reverso do espelho: o lugar da cor e da modernidade. Um estudo sobre mito e ideologia racial nas telenovelas." Rio de Janeiro: dissertação de mestrado UFRJ/IFCS/PPGSA, 1991.

Internet:

"BBB 9 tem menor ibope, mas a maior receita da história", UOL Notícias:

<http://noticias.uol.com.br/oops/ultnot/2009/01/26/ult2548u670.jhtm>; acesso em 01/03/2009.

Depoimento de Gilberto Braga para o site Memória Globo:
<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYE0-5268-232336,00.html>;
acesso em 29/01/2009;

"Paraíso Tropical" foi segunda pior novela da década em Ibope, Folha Online:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u331847.shtml>. Acesso em 24/10/2008.

DIÁRIO de Produção Paraíso Tropical. Nota do dia 16 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.paraisotropical.globolog.com.br/archive_2007_01_23_0.html>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2007. Infelizmente esta informação não está mais disponível no site indicado.

Site: www.memoriaglobo.com.br

Artigo recebido para análise em 03/06/2009
Aceito para publicação em 12/11/2009